

A natureza na narrativa poética de João Miranda

Gisafran Nazareno Mota Jucá
Cícero Joaquim dos Santos
Samuel Pereira de Sousa*

RESUMO

A presente pesquisa pretende refletir sobre o cotidiano dos sertanejos na Chapada do Araripe, no Cariri cearense, e suas relações com a natureza durante a primeira metade do século XX. O trabalho, que dialoga com História e Literatura, vem sendo desenvolvido por meio da utilização de registros poéticos de um ex-agricultor, João Miranda, quem em sua velhice, escreveu versos narrando às experiências sociais do povo do lugar, em seu contexto infanto-juvenil, década de 40 e 50. Tais registros foram reunidos no livro *Meu Pé-de-serra*, utilizado como fonte metodológica. Assim, o trabalho aborda as memórias dos sujeitos sociais, que por sua vez tem na natureza uma forma de compreender o mundo.

PALAVRAS-CHAVE: Narrativas Poéticas, Natureza e Memória Social, Cultura Popular.

ABSTRACT

This research seeks to reflect about the quotidian of inlanders in Chapada do Araripe, in Cariri cearense, and their relations with the nature during first half of twentieth century. This work dialogues with History and Literature and has been developing across utilization of poetic registers of a ex-agriculturist, João Miranda, who in your old age, wrote verses narrating the social experiences of the people of place, in your teenage context, of 40's and 50's. These registers were joined in the book *Meu Pé-de-Serra*, which was utilized here like methodological fountain. Therefore, this work applies the rememorations of social personage, in which the nature is a mean to understand the world.

KEYWORDS: poetic narrative, nature and social memory, popular culture.

Narrativas sob a forma de registros orais ou escritos são caracterizadas pelo movimento peculiar à arte de contar, de traduzir em palavras os registros da memória e da consciência da memória no tempo. São importantes como um estilo de transmissão, de geração para geração, das experiências mais simples da vida cotidiana (...) São suportes das identidades coletivas e do reconhecimento do homem como ser no mundo.¹

Cotidiano e narrativa poética constituem dois conceitos preciosos à compreensão das experiências históricas, pois muito contribuem para apresentar novas revelações, antes menosprezadas, acerca das relações sociais, que constituem o pano de fundo do cenário histórico, vivenciado em diferentes momentos e espaços culturais.

Várias são as razões que fizeram renascer o que antes era considerado secundário, abalando o momento presente, mas propiciando-lhe novo significado. Nessa perspectiva, conforme destaca Dosse,

“Ao mesmo tempo, a crise das escatologias revolucionárias vem obscurecer o horizonte de expectativa e desconstrói o papel de guia atribuído ao presente, anteriormente concebido apenas como lugar transitório entre um passado animado por um motor da história e um futuro pré-determinado. Essa opacificação do futuro contribui bastante para embaralhar a imagem de um passado dentro do qual não podemos mais hierarquizar aquilo o que está relacionado a um devir potencial e positivo. O resultado é uma presentificação.”²

Nessa proposição, a queda de uma história-memória presa ao culto do Estado fez brotar “as memórias plurais”, revelando sua singularidade, “...fazendo de cada um o historiador de si mesmo”.³ Nessa trilha metodológica, o fundamental não é confrontar os limites da memória e da história, mas alimentar “uma nova consciência historiográfica baseada em uma problematização possível da memória pela história e da história pela memória”.⁴

O reconhecimento da memória no plural também nos remete ao manancial da narrativa poética, à espera de uma significação que lhe seja atribuída, para uma compreensão da identidade individual e coletiva. Se a própria escrita histórica, reveladora da subjetividade, nos aproxima da ficção, a poesia deixa de ser considerada como fonte secundária, atrelada à exposição dos sentimentos isolados, fazendo-nos compreender o valor das experiências cotidianas numa dimensão mais significativa, demonstrativa do valor da pluralidade de fontes e agentes no fazer história.

A aproximação dos conceitos de poesia e prosa, na teoria lingüística moderna, nos revela a subjetividade poética como uma fonte reveladora de novas visões sobre as experiências observadas. Nessa perspectiva,

“Essa fusão do prosaico e do poético dentro de uma teoria geral do discurso tem conseqüências importantes para nossa compreensão do que está implícito naquelas áreas de estudo que, como a historiografia, procuram ser objetivas e realistas nas suas representações do mundo mas que, em virtude do elemento poético não reconhecido no seu discurso, ocultam de si mesmas sua própria subjetividade e seu caráter de serem limitadas pela cultura.”⁵

Desse modo, a análise histórica de versos populares transmite ao leitor um significado maior do que uma simples informação, considerando a revelação da linguagem empregada, que recorre a elementos figurativos e a representações. Por isso, “Não há, evidentemente, como escapar ao poder determinante do uso da linguagem figurativa. As figuras de linguagem são a própria medula do estilo individual do historiador”.⁶ Tais

considerações nos remetem aos versos de João Miranda, como uma fonte valiosa à compreensão da cultura popular.

Aos 22 anos de idade, João Miranda começou a escrever poesias. Ex-agricultor, conhecido como Joãozinho de Netinho, nasceu aos 27 de dezembro de 1940, na região serrana do município de Porteiras, localizado no sul do Ceará, no sopé da Chapada do Araripe. Filho dos agricultores Antônio Manoel de Miranda e Ana Josefa de Miranda, deixou os estudos na 3ª série do Ensino Primário aos 14 anos, para dedicar-se aos trabalhos agrícolas junto à família.

Em sua velhice, voltou a reescrever versos poéticos narrativos. Seus registros memoráveis retratam as experiências do sertanejo, o imaginário e cotidiano, construindo a imagem do sertão como um lugar nostálgico, especialmente o Cariri cearense, embora também o presente como uma região marcada por desigualdades sociais.

Nesse sentido estabelecemos uma relação entre história e literatura, pois vemos, nos escritos de Joãozinho de Netinho, a possibilidade de estabelecer um diálogo e reflexão com o passado, uma vez que esse escritor, recorrendo à literatura, valoriza em seus versos as lembranças do vivido e da memória dos caririenses referente à primeira metade do século XX, dando ênfase às relações familiares, brincadeiras coletivas, tradições religiosas, histórias populares e acontecimentos memoráveis. Tais escritos foram produzidos segundo as experiências vivenciadas pelo autor, como também as circunstâncias de escuta das histórias contadas pelos mais velhos nos momentos de conversa, nas quais as narrativas eram construídas e reelaboradas.

Através da fala de um sujeito simples ao escrever literatura de cordel e poesias, tais escritos demonstram não só sua interioridade, mais também a vida cotidiana dos moradores das zonas rurais do Cariri cearense, na primeira metade do século XX. Unidos na obra “Meu Pé-de-serra”, que retrata representações memoráveis da região, os registros do autor embora apresentem alguns escritos poéticos fictícios, enfatiza sempre os elementos da vida sertaneja, em especial da relação homem, cultura e natureza. Dessa forma, nossa proposta é historicizar a obra literária buscando refletir sobre a convivência dos sertanejos na Chapada do Araripe e suas relações com a natureza durante a primeira metade do século XX.

Os encantos do tempo e espaço

Nos escritos poéticos de Joãozinho de Netonho pode ser identificada à nostalgia do tempo da infância e da juventude nas décadas de 40 e 50, no seu torrão natal, região serrana da Chapada do Araripe, no município de Porteiras. Tal concepção é enfatizada logo nas páginas iniciais do seu trabalho, nos primeiros versos da poesia *Meus tempos de criança*, quando relata com fascínio as saudades do vivido:

Nunca me sai da lembrança
Os meus tempos de criança
Lá no meu pé-de-serra
Sítio Saco em Porteiras
Não esqueço as brincadeiras
Da infância em minha terra.

Saia a meninada
Por aquelas matas fechadas
De baladeira e de besta
Contava história de trancoso
Daquele tempo gostoso
Só recordações me resta

Era tanta brincadeira
De galamarte, da bicheira
De cavalo de pau e de boi
Pegava passarinho de gaiola
No terreiro jogava bola
Há tempo bom que se foi.⁷

Nas Recordações do poeta, o período de infância é abordado como um outro tempo: um período mágico, repleto de brincadeiras e jogos coletivos, embora ele mesmo tenha se dedicado desde cedo aos trabalhos agrícolas. Nesse sentido, a dimensão do direito ao tempo livre e ao brincar são reflexões pertinentes em sua obra, demonstrando que as áreas rurais, no interior cearense, durante sua infância, eram também espaços coletivos de socialização e de trabalho.

Nos versos podemos notar a construção memorável de um tempo e um espaço permeados por encantos, agora perdidos no tempo e reforçados na lembrança. A representação da “mata fechada”, Chapada do Araripe, como um lugar de práticas de sociabilidades infantil inquieta nosso olhar. Isso nos leva a perceber que, nos arredores de suas residências, nas áreas serranas, **as crianças utilizavam espaços da mata verde**, para darem liberdade a sua imaginação. Assim, faziam da floresta seu palco de diversões, o espaço onde as gargalhadas eram entoadas e se misturavam aos cantos dos pássaros, e do contrário o

silêncio possibilitava a entonação de histórias fabulosas. Nele as narrativas de trancoso e as brincadeiras coletivas reuniam as crianças do lugar, o que reforçava sua amizade e sociabilidade.

Isso nos fez pensar na transcendência do lugar: a metáfora da “mata fechada” que poderia ser representada como um lugar de mistérios e temores, torna-se um lugar de diversão e socialização infantil, um espaço praticado.⁸ Nesse sentido, a afetividade do poeta narrador com a representação desse espaço nos levar a ponderar sobre sua lembrança, pois os lugares, como as metáforas, são detentores de memória. Na continuidade de sua narrativa poética João Miranda elucida a apropriação e ressignificação dos recursos naturais pelas crianças do lugar:

Fazia brinquedos de barro
Nego, cavalo e carro
Depois queimava no fogo
Dos cajús tirava as castanhas
Dizia: vamos ver quem ganha
E já começava um jogo.

Depois do jogo de buraco
Forrava as castanhas em um saco
Daí quebrava e comia
Dali saia contente
Tomar banho na nascente
Naquela água tão fria.⁹

Esses registros além de possibilitarem a percepção de aspectos coletivos da infância na comunidade interiorana do Ceará como a transformação artesanal de elementos da natureza, como frutas e o próprio barro do chão, em instrumentos de diversão, eles possibilitavam a compreensão da forte relação dos sertanejos do lugar com a natureza local, marcada, nos escritos do poeta, pelas brincadeiras nas florestas da Chapada do Araripe e pelos banhos nas cachoeiras e nascentes, no Cariri de então. Semelhantemente, nos reforça a visão encantada do narrador sobre o seu tempo e espaço juvenil.

Dessa forma, notamos a representação memorável de uma visão que associa vivência social e meio natural, sem causar-lhe danos. Nesse sentido, a natureza é integrada à vida social. Sua narrativa foge da clássica cisão entre homem e natureza tão presente na construção da modernidade e do saber científico.¹⁰

A relação indissociável entre o cotidiano dos indivíduos e o meio natural, em destaque das crianças, nos é reforçado nestes outros versos, nos quais as relações familiares são associadas aos elementos naturais característicos da Chapada do Araripe, como é o caso da colheita do pequi nas serras e também aos aspectos da culinária de outrora:

Eu sempre gostava de ir
 Pra serra buscar pequi
 Pra temperar a panela
 Minha mãe às vezes mandava
 E eu era um filho que gostava
 Sempre de obedecer a ela

Eu sempre fui um bom filho
 Sempre ajudei mãe a pilar o milho
 E eu era bom no pilão
 Gostava de comer angu
 Com leite fervido ou crú
 E também do feijão com pão.¹¹

Concomitantemente, as experiências sociais dos indivíduos são narradas apresentando não apenas o dizível, mas também o indizível, aquilo que não se pode descrever, pois a memória “é bem mais que um conjunto de representações; ela se exerce também em uma esfera irrepresentável”.¹² Os cheiros da rapadura em processo, das frutas maduras que o cercava em abundância pelas matas, e os encantos do cheiro da terra molhada demonstram a sensibilidade do narrador, que logo se torna também um encanto, um saber de quem tem o dom de narrar. Eis as palavras escritas da poesia *Recordações*:

Aquele cheiro de engenho
 Cuzinhando rapadura
 São recomendações que tenho
 E de tanta fruta madura
 Tudo isto me recorda
 Aquele feijão de corda
 Cuzinhando com pequi
 As ladeiras que vem da serra
 Que saudade da minha terra
 Bela terra onde nasci.¹³

Nos escritos poéticos, o destaque ao tempo e espaço juvenil é reconstruído na memória através dos sentimentos de saudades das belezas da terra natal, na qual a natureza é exaltada. Tais versos demonstram a construção subjetiva dos amores com o espaço. E as saudades “do tempo bom que se foi” permanecem no cotidiano de sua velhice. Nesse contexto, as recordações dos encantos do seu tempo juvenil na Chapada do Araripe permanecem em seu semblante, em sua voz e registradas em palavras escritas.

Vale lembrar o valor da memória social e da oralidade no processo de construção do saber, visto que foi através da vivência social do narrador, o que inclui fortemente seus momentos de escuta, que possibilitou a elaboração de tais representações poéticas. Dessa forma, ele narra o que viveu, sentiu e ouviu. Isso nos faz lembrar que a memória é sempre

uma construção processual.¹⁴ Lembremos ainda que há uma forte relação entre memória e identidade social. Ambas são construídas socialmente, constroem os elementos de reconhecimento, pertencimento e identidades plurais dos indivíduos e grupos sociais. Nesse sentido, rememorar o passado e (re)escrevê-lo em versos narrativos é reforçar na memória os momentos marcantes vivenciados pelos sujeitos na comunidade, as experiências sociais e os encantos da natureza. A memória social é assim lembrada, tecida e reinventada na mesma proporção em que a natureza é exaltada.

Entretanto, as lembranças do narrador, escritas em seus versos, não se limitam a refletir tal passado como um tempo juvenil e permeado de encantos. O mesmo é também marcado pelas manifestações religiosas. As festas e procissões sagradas também fazem parte das lembranças dos seus versos. Lembremos que as festas são ocasiões de intensificação das práticas coletivas e meio de sociabilidade. Além disso, refletem um momento de renovação espiritual. Dessa forma, se tornam lugares de memória.

Na primeira metade do século XX, as manifestações de fé do Cariri, como as comemorações a Santo Agostinho durante os meses de agosto, na Chapada do Araripe, sítio Saco, em Porteiras, demonstram a importância das festas religiosas para o fortalecimento do sentimento de fé e de socialização dos sertanejos residentes no interior rural do sul do Ceará. Eis as reflexões do poeta sobre essas festividades em seu contexto infanto-juvenil:

Há meus tempos de menino
Lembra quando batia o sino
Lá na capelinha do Saco
De Santo Augustinho o padroeiro
O protetor verdadeiro
Dos mais pobres e mais fracos.¹⁵

Esse verso nos chama atenção para o fato do narrador abordar as lembranças que emergem com o som produzido pelo sino da capela da comunidade. Isso nos possibilita perceber, não só a presença de sons, cheiros e odores na memória do poeta, mas também como os indivíduos da época percebiam a noção do tempo, tomando este como uma vivência social. Além de este ser ordenado segundo os elementos da natureza, como o canto dos pássaros e o posicionamento do sol no céu, era também ordenado segundo as badaladas do sino da capela de sua comunidade, ou seja, pelas expressões religiosas.

Nas narrativas poéticas analisadas identificamos, nas comemorações religiosas de outrora, como é o caso das festividades dedicadas a Santo Agostinho, a instauração de um outro tempo: um tempo sagrado. Ao refleti-la o narrador apresenta o sentimento de fé presente

em sua comunidade natal e das localidades circunvizinhas da Chapada do Araripe, o que denuncia tal festa como um elemento de formação religiosa da região. Ele reflete, ainda, os momentos de diversão da população após a cerimônia religiosa, o que representava a continuação da prática de fé.

E quando chegava o mês de agosto
A gente já via no rosto
De todos uma alegria sem fim
Uns diziam: eu vou pra festa
E outros: será que esse ano presta
A festa de santo agustim

E nas noites de novena
Aquela capelinha pequena
Ficava cheinha de gente
Que povo religioso
E pra aquele santo milagroso
Levavam muitos presentes

E quando era a noite da festa
A gente via a orquestra
De pífano, caixa de zabumba
Acompanhar a procissão
Depois na mesa do leilão
Tocar xote, baião e rumba.¹⁶

Como afirma o poeta, entre os passos dos devotos nas procissões, ao som de banda de pífaros e, ao final, ao som de um forró pé-de-serra, as pessoas realizavam suas práticas de fé, mas também lúdicas, vivenciando a experiência religiosa e de diversão, no que resultava em um ato de socialização. Nesse contexto, vale ressaltar a importância desse evento como um meio de integração das populações sertanejas que viviam em diferentes vilas e sítios na encosta da Chapada do Araripe. Assim, as práticas de devoção estabeleciam elos de socialização em cima da Chapada do Araripe.

A narração dessas experiências nos leva a compreender a relação entre o sagrado, o homem e a natureza. É pertinente percebermos como a representação poética analisada associa a vida do sertanejo às experiências religiosas que tem nos elementos da natureza sua forma de atuação e transmissão de saberes, como vemos nos versos da narrativa *Realidade Sertaneja*:

Como é lindo a gente ver
No sertão o amanhecer
O canto da passarada
E quando o inverno de aproxima
O sertanejo se anima

Com o cheiro da terra molhada

Do início de novembro
 Ao final de dezembro
 O sertanejo se prepara
 Bem cedo ele deixa o rancho
 Pega a roçadeira e o gancho
 E vai queimar as coivaras

O dia da Conceição
 Ele tem por devoção
 E confia na providência
 E o dia de santa Luzia
 Ele aproveita esse dia
 Pra fazer experiência.

Na narrativa identificamos um modo todo especial dos sujeitos de então de compreensão da natureza. Seus elementos atuam como vozes, que, embora silenciadas, possibilitam a transmissão de saberes construídos no cotidiano e presentes na tradição oral do povo do lugar. Tais conhecimentos são associados aos dias tidos como sagrados, em homenagens aos santos de devoção:

E no fundo do quintal
 Ele coloca as pedras de sal
 E aguarda o outro dia
 Do contrário não adianta
 Se molhar as pedras ele planta
 Na experiência ele confia

Ele diz em alto som
 O inverno vai ser bom
 Vai chover e não é pouco
 Com a experiência que aí está
 Quem quiser pode plantar
 Até na cabeça de um toco

Três experiências ele confia
 É dia de santa Luzia
 Da Conceição e São Tomé
 Nesses três não há engano
 Mais ainda tem a última do ano
 Que é dia de São José.¹⁷

Nesse contexto percebemos a relação indissociável entre o sagrado e profano, cultura e natureza, aspectos expressos nas experiências cotidianas dos sertanejos da Chapada do Araripe, vivência social retratada nos versos escritos do sertanejo narrador. Desse modo, o sagrado é refletido na natureza. E as experiências de observação desta denunciavam as temporalidades difíceis, como também os tempos de abundância. Tudo isso demonstra

elementos relevantes de sua visão de mundo e compreensão da natureza, pois as ações humanas sobre o meio refletem como a natureza é concebida, representada e apropriada.¹⁸

Nesse contexto, as representações sociais da natureza não se reduzem a concepção nostálgica da infância e ao seu sentido sagrado. Ela também se faz enigmática, pois o imaginário dos sertanejos de então também lhe atribuía mistérios, segredos nunca decifrados, como é o caso das narrativas imaginárias presentes na tradição oral do lugar.

Natureza e imaginário

Na convivência entre amigos, na ruralidade do Cariri, era comum João Miranda envolver-se nas histórias populares que circulavam na região, pois “Um meio tem sempre dimensões imaginárias”.¹⁹ Caráter marcante do imaginário do seu povo, as lendas e contos populares, como a narrativa do carneiro encantado sobre a Pedra Branca, rochedo de aproximadamente 24 metros de altitude e localizado no sopé da Chapada do Araripe, contribuía para o ideal de pertencimento entre as crianças e os jovens que as ouviam atentamente em grupos, nas proximidades de suas residências, pois as histórias narradas eram relacionadas a lugares próximos, o que fortalecia no imaginário dos ouvintes os mistérios da natureza das terras circunvizinhas.

No tocante à tradição oral da narrativa do carneiro encantado os porteirenses relatam, principalmente os mais idosos, que em certas noites, um carneiro encantado, brilhante como ouro, aparecia em cima da Pedra Branca e desfilava no céu da região. Saindo do rochedo, o carneiro dirigia-se até o pontal da Chapada do Araripe, onde desaparecia misteriosamente. João Miranda assim rememora as narrativas que, na sua juventude, ouvia dos velhos, ao mesmo contexto em que demonstra os momentos em que as narrativas imaginárias emergiam: nas horas noturnas de trabalho:

As histórias da Pedra do Vieira
São histórias verdadeira
Quem vem da antiguidade
Eu mesmo sei de algumas
E aqui vou contar umas
Que são histórias de verdade

Foram histórias gostosas!
Contadas por seu Antônio Farosa
Em noites de farinhadas
Do jeito que ele contava
A gente apreciava
E dava muita risada

Ele contava uma historia
 Que eu guardo na memória
 De um carneiro d'ouro, que passava
 Essa, ele cansou de contar
 Que da serra do Jatobá
 Ao souza o carneiro tranzitava. [sic]

Olhe preste bem atenção
 Não era andando pelo chão
 Que o carneiro passava
 Sempre que ele viu passar
 Era suspenso no ar
 Segundo o velho contava ²⁰

Essas narrativas dizem respeito à convivência dos caririenses, residentes na zona rural, e suas relações com a natureza, ou melhor, suas representações, em específico dos habitantes das localidades que circundavam a Chapada do Araripe, que na primeira metade do século XX, não tinham acesso à energia elétrica e tampouco aos meios de comunicação. Tal narrativa nos alerta para a compreensão de que na localidade, como também em outras regiões marcadas por comunidades tradicionais, os seres do imaginário refletem uma representação que associa os homens, os animais e os seres encantados a uma visão indissociável da natureza. Semelhantemente, os personagens do imaginário que despertam fascínio ou temor são elementos que, ao mesmo tempo em que demonstram haver nos homens uma visão encantada da natureza, também refletem os limites humanos perante seus mistérios.²¹

Pelo fato de rememorar em versos alguns elementos da tradição oral da população da Chapada do Araripe, em especial em Porteiras, o poeta reforça, através da narrativa, a presença de elementos do imaginário desse povo, deixando por escrito a voz do sertanejo, transmitindo-a assim às gerações posteriores. João Miranda faz alusão, ainda, às lendas do pilão, dos penitentes e das mulheres preparando o jantar, todas relacionadas à Pedra Branca, o rochedo encantado e misterioso:

Ele contava com perfeição
 Que dentro da pedra se ouviu um pilão
 E o canto das piladeiras
 Som da armônica tocando
 Se ouvia até o povo dançado
 Rastano o pé na rancheira

Outra historia bunita
 Que pouca gente acredita
 Mais podem acreditar
 Dentro da pedra se ouvia mulheres
 Mechendo com talheres
 Preparando a hora do jantar [sic]

Alem dele, muita gente
 Contava que ouvia penitente
 Dentro da pedra a cantar
 Eu ficava emocionado
 Com o cabelo arriado
 Só em ver o povo falar.

Pouca gente em Porteiras
 Conhece a pedra do Vieira
 E acredita nas suas historias passadas
 Eu que tenho uma certa idade
 Sei que é pura verdade
 Toda sua historia contada. ²²

Ouvindo o povo falar nas rodas de conversas, nas horas de trabalho e de socialização, o autor, quando mais jovem, reforçava suas crenças com as histórias narradas. Seu objetivo em nos contar tais narrativas pode representar o desejo de que as gerações do presente encontrem, na rememoração do tempo passado, os saberes e crenças dos antepassados, como também uma reafirmação da veracidade de tais acontecimentos em uma sociedade presente que busca se modernizar e que desconstrói seus vínculos com o passado. Isso nos leva a pensar no aspecto político de sua narrativa, ou seja, nas possíveis funções sociais da mesma: Rememorar o passado, projetar uma imagem no presente pensando na construção de um tempo futuro no qual tais experiências sociais sejam lembradas na memória.

Além dessas narrativas, as lendas do lobisomem e do Vicente Fino também são narradas e se complementam. A primeira, comumente relatada em diversas localidades do Nordeste, enfatiza a existência de um homem que durante algumas noites assumia as características físicas de um lobo que circulava pelas localidades durante as madrugadas. Lembremos que quando chegam à voz dos narradores, as narrativas são reelaboradas a partir de suas vivências, alegrias, angústias, dores e desejos. Assim nas áreas serranas de Porteiras, essa história é associada à trajetória de um homem identificado como Vicente Fino, o qual se transformava em um cachorro e passava a assombrar as populações sertanejas:

Quando eu era pequeno
 ouvia o povo falá
 tem um bicho apareceno
 na Serra do Jatobá
 era um tá de lubisômem
 uma metade de homem
 e outra de animá.

Também quando eu era menino
 o povo também falava
 que um tá Vicente Fino
 num cachorro se virava
 e andava pelo sertão

fazendo assombração
e muita gente acreditava.²³

Convém-nos reforçar que, além de refletir a relação do homem com a Chapada do Araripe, ou seja, com a natureza agora permeada de mistérios, tal narrativa faz menção às construções imaginárias dos sertanejos. Esses personagens passam a ter uma existência real no momento em que são narradas oralmente, demonstrando a relação entre convivência, trabalho e construção de narrativas, incorporando valores e padrões de comportamento, que por sua vez tem no ambiente natural sua referência simbólica. Em tal perspectiva,

Importa considerar que as formas como os grupos e as sociedades humanas concebem seres imaginários se constituem numa evidência clara da sua concepção de mundo, porque nessa última encontram-se estabelecidos os limites do que é imaginável, daquilo que é possível e impossível para o domínio do homem.²⁴

Nesse sentido, o narrador que escreve em versos tais relações, ao reconstruir a memória, demonstra o olhar de pertencimento ao seu grupo social, embora a sociedade do presente construa uma negação dessas narrativas, como o próprio poeta nos diz:

Dizem que o tá lubisômem
quando anda pela estrada
e arrumação de alguns homens
atrás de namorada
diz alguém por sua vez
que no fina de nove mês
pode escutar a trapaçada

Eu nunca vi lubisômem
e nem também Vicente Fino
adispois que me pus homem
que deixei de ser menino
eu sempre dei atenção
a historia de lampião
e do cangaceiro Antô Silvino.[sic]²⁵

As descrenças em algumas das narrativas citadas, como as lendas do lobisomem e do Vicente Fino, refletem o que Benjamin chama de morte da narrativa. Sendo esta uma forma artesanal de comunicação, utilitária e tecida nos momentos de ouvir as estórias, de conversas e nas horas de trabalhos. Os novos mecanismos de comunicação, como o romance e a informação, ao apresentarem a notícia já enfocam também sua explicação. Contudo,

A informação só tem valor no momento em que é nova. Ela só vive nesse momento, precisa entregar-se a ela e sem perda de tempo tem que se explicar nela. Muito diferente é a narrativa. Ela não se entrega. Ela conserva suas forças e depois de muito tempo ainda é capaz de se desenvolver.²⁶

Lembremos ainda que “A experiência que passa de pessoa a pessoa é a fonte a que recorrem todos os narradores. E, entre as narrativas escritas, as melhores são as que menos se distinguem das histórias orais contadas pelos inúmeros narradores anônimos”.²⁷ É pertinente salientar que o narrador não busca em seus escritos reescrever os elementos do passado tal qual eles aconteceram. Há uma íntima relação entre o narrado e as vivências do narrador. Semelhante a um artesão, ele dá contorno e alimenta a narrativa segundo sua subjetividade. Dessa forma, assim como o evento e os personagens abordados em tais narrativas, ele também participa das mesmas. Atua como mais um personagem que conta. Em nossa análise, o personagem narra suas experiências sociais demonstrando a íntima relação dos sertanejos da Chapada do Araripe e suas relações com a natureza encantada, nostálgica, sagrada e permeada de mistérios.

Considerações finais

Diante do que foi apresentado, compreendemos que Joãozinho de Netinho define em versos o que os historiadores produzem em pesquisas: a análise de um tempo que não existe mais. Contudo, “enquanto os historiadores estão interessados em reconstruir o passado, os narradores estão interessados em projetar uma imagem”.²⁸ Nessa perspectiva, o autor nos aponta para a concepção de encantos presentes no tempo e espaço de sua infância. Também, para o entendimento de que o tempo tudo gasta, reforçando-nos a necessidade da recordação e do sentimento de saudade:

Mais o tempo gasta tudo
E vai gastando a miúdo
Deixando tudo prá trás
Hoje só me resta saudade
Posso dizer na verdade
Que aquele tempo bom não tem mais.²⁹

Portanto, entendemos que a narrativa poética analisada contribui para a compreensão da memória e do imaginário do povo do Cariri cearense, em especial dos moradores das áreas serranas da Chapada do Araripe da primeira metade do século XX, e suas relações com a natureza. Assim ao narrar nas poesias alguns elementos da tradição oral desse povo, como os seres encantados do imaginário e a natureza sagrada, o poeta, que cursou apenas até a 3ª série

do Ensino Fundamental, atua como um “narrador gabaritado”. Ele também participou das tramas da narrativa, quer como sujeito principal dos banhos nas cachoeiras e das inúmeras brincadeiras na “mata fechada” ou como um ouvido sensível que reconstruiu na memória o canto dos pássaros e os cheiros dos engenhos e matos.

Nesse sentido, suas poesias nos soam como a voz de um agricultor que, na velhice, lembra do passado, rememora suas experiências vividas e transmite as experiências sociais dos antepassados e sua visão de mundo na qual homem e natureza estão mais envolvidos em elos simbólicos do que separados, o que nos faz pensar nos sentimentos afetivos de identidade social e pertença à terra natal não apenas relacionadas à vivência social, mais também para com os elementos simbólicos do meio natural. Na trilha da narrativa poética outra perspectiva de revelação nos é transmitida, rompendo barreiras anteriormente consolidadas.

Por isso, a distinção mais antiga entre ficção e história, na qual a ficção é concebida como a representação do imaginável e a história como a representação do verdadeiro, deve dar lugar ao reconhecimento de que só podemos conhecer o *real* comparando-o ou equiparando-o ao *imaginável*.³⁰ Isto significa que a narrativa não significa apenas um “registro” do ocorrido, mas uma “redescrição” dos acontecimentos evocados.

Ao recorrermos às dimensões da poesia, a ampliação de fontes e de temáticas nos propicia uma melhor compreensão das realizações humanas, na região do Cariri uma vez que “... a cultura tem hoje a conotação de um trabalho que deve ser realizado em toda a extensão da vida social”.³¹

Vemos, assim, que suas reflexões estabelecem um elo de continuidade com o passado e o presente do Cariri cearense. Da mesma forma, refletem a idéia de imortalizar o vivido, transmitindo para as gerações presentes e futuras aspectos histórico-culturais da primeira metade do século XX, e dos saberes retratados oralmente pelos caririenses, além das representações da natureza. Portanto, seus versos reforçam os elos que nos prendem ao passado.

Notas

* Prof. Titular do Curso de História e ex-alunos do mestrado em História e Culturas, da Universidade Estadual do Ceará, (UECE), que foram bolsistas da FUNCAP. E membros do Grupo de Pesquisa “Oralidade, Cultura e Sociedade,” Ocoordenado por esse docente.

¹ DELGADO, Lucília de Almeida Neves. *História Oral: Memória, tempo, identidades*. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.p. 43.

² DOSSE, François. *História e Ciências Sociais*. Tradução: Fernanda Abreu. Bauru, SP: EDUSC, 2004, p.176.

³ Cf. NORA, Pierre apud DOSSE, François. *História e Ciências Sociais*. op. cit. p. 176.

⁴ DOSSE, François. *História e Ciências Sociais*. op. cit. p.177.

⁵ WHITE, Hayden. *Trópicos do Discurso: Ensaio sobre a Crítica da Cultura*. Tradução: Alípio Correia de Franca Neto. 2ª.ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2001, p.121 e 122.

⁶ WHITE, Hayden. *Trópicos do Discurso: Ensaio sobre a Crítica da Cultura*. Tradução: Alípio Correia de Franca Neto. 2ª.ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2001, p. 120 e 122.

⁷ MIRANDA, João. *Meu pé-de-serra*. Fortaleza: Simões, 1999. p.5

⁸ CERTEAU, Michel. *A invenção do cotidiano*. 1. Artes de fazer. Tradução: Ephraim Ferreira Alves. 4ª.ed.. Petrópolis: Vozes, 2007.p.202.

⁹ MIRANDA, João. *Meu pé-de-serra*. op. cit. p. 5.

¹⁰ OLIVEIRA JR. Gerson Augusto. A natureza encantada dos Índios Tremembé. *Propostas Alternativas*. Fortaleza: IMOPEC, n. 10, 2002, p. 10.

¹¹ MIRANDA, João. *Meu pé-de-serra*. op. cit. p. 5.

¹² GONDAR, Jô. Quatro proposições sobre memória social. In: *O que é memória social?* Rio de Janeiro: Contra Capaa Livraria/Programa de Pós-Graduação em Memória Social da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, 2005. pp. 11-26. p.24.

¹³ MIRANDA, João. *Meu pé-de-serra*. op. cit. p. 33.

¹⁴ GONDAR, Jô, op. cit., p. 18.

¹⁵ MIRANDA, João. *Meu pé-de-serra*. op. cit. p. 5.

¹⁶ Id. Ibidem. op. cit. p.6.

¹⁷ Id. Ibidem. p. 9.

¹⁸ OLIVEIRA JR. Gerson Augusto. *A natureza encantada dos índios tremembé*. op. cit. p. 10.

¹⁹ GODELIER, Maurice. *Godelier: Antropologia*. São Paulo: Ática, 1981.p.55.

²⁰ Versos da poesia: *Historias da Pedra Branca*, escrita em 12/06/04. Texto não publicado. Sobre a Pedra Branca e suas estórias, ver também no Jornal Diário do Nordeste. Fortaleza, 8 de jul. 1993, p. 9.

²¹ OLIVEIRA JR. Gerson Augusto. *A natureza encantada dos índios Tremembé* in op. cit.

²² Versos da poesia: *Historias da Pedra Branca*, escrita em 12/06/04. Texto não publicado.

²³ MIRANDA, João. *Meu pé-de-serra*. op. cit., p. 13.

²⁴ OLIVEIRA JR. Gerson Augusto. *A natureza encantada dos índios tremembé*. op. cit. p. 13-14.

²⁵ MIRANDA, João. *Meu pé-de-serra*. op. cit., p. 13.

²⁶ BENJAMIN, Walter. O narrador. In: *Obras escolhidas: Magia e técnica, arte e política*. Tradução: Sérgio Paulo Rouanet. 10ª. ed. São Paulo: Brasiliense, 1987, p. 204.

²⁷ Id. Ibidem. p. 198.

²⁸ PORTELLI, Alesandro. “O momento da minha vida”: Funções do tempo na história oral. In: *Muitas memórias, outras histórias*. São Paulo: Olho D’agua, 2004, p. 300.

²⁹ MIRANDA, João. *Meu pé-de-serra*. op. cit., p. 6.

³⁰ WHITE, Hayden. *Trópicos do Discurso*. op. cit., p. 115.

³¹ CERTEAU, Michel. *A Cultura no Plural*. Tradução: Enid Abreu Dobránszky. 2a.ed. Campinas, SP: Papyrus, 1995, p. 192.